

Expresso

Edição 1853

Crise alimentar

Oportunidade. Para os produtores de cereais é um novo fôlego. Portugal recomeçou a plantá-los

Subida de preços imparável

Em plena crise alimentar mundial, os portugueses podem ter uma certeza: os cereais não vão faltar, mas os preços vão subir. O anúncio - feito ao Expresso pelo próprio ministro da Agricultura - só é uma boa notícia para os produtores de cereais, mas não seguramente para os consumidores.

Pior. Com o arrastar da crise, outros sectores agrícolas ameaçam entrar em ruptura. É o caso da pecuária, que apanha por tabela os aumentos de preços dos cereais, que entram na composição das rações. Os criadores de gado suíno por toda a Europa estão já "no limite do sustentável", enquanto os de bovino começam a ver a crise despontar. Aparentemente, em Portugal, só o sector das aves escapa, graças à verticalização do sector. Traduzido para o consumidor, são novos aumentos no horizonte. Pode vir a acontecer à carne o que já ocorre com os cereais.

Para todos os efeitos, o tempo da comida barata acabou. Grosso modo, a conjugação dos efeitos da baixa do dólar e da alta do petróleo com os maus anos agrícolas nos Estados Unidos, Canadá e Austrália e a reforma da Política Agrícola Comum (PAC) na Europa, bem como o aparecimento da carne nos menus de cada vez mais largas camadas de chineses e indianos (já para não falar da pressão dos biocombustíveis), acabou por fazer dos cereais uma aposta atraente para os fundos de investimento. A especulação lançou os preços numa escalada.

A verdade é que, depois de anos seguidos com os preços a baixar no mercado, os cereais tornaram-se de novo atraentes para os agricultores. Se, em 2000, uma tonelada de cereais custava, em média, na Europa, 170 euros, hoje, pelo trigo panificável, por exemplo, paga-se 300. Acompanhando a tendência mundial, também em Portugal a superfície agrícola dedicada aos cereais aumentou este ano em 30%. Mas, entre 1990 e 2006, ela havia sido reduzida em 50%.

"Os produtores perceberam que este é um momento de oportunidade para a agricultura portuguesa e que pode ser rentável produzir para o mercado", diz Jaime Silva, esperançado no aumento da produção. Com uma produção de cerca de um milhão de toneladas de cereais/ano, Portugal só se basta em 20% das suas necessidades. Em relação a alguns cereais, como o trigo mole, a partir do qual se fazem rações e pão, essa auto-suficiência não passa dos 4%. A factura é pesada.

O entusiasmo do ministro é temperado pela cautela dos agricultores. "O consumidor sofre na carteira, mas os agricultores ainda não viram o dinheiro no bolso", disse ao Expresso Roberto Mileu, dirigente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), que reúne os pequenos e médios agricultores. Isto é, acrescentou: "Já pagámos a factura dos aumentos nos adubos, nas rações, no gasóleo, nas sementes, na oficina. Mas ainda não colhemos e não temos a certeza se vender os cereais aos preços a que estão agora". As primeiras colheitas são já para Junho/Julho.

Também o presidente da Confederação de Agricultores Portugueses (CAP), João Machado, põe reticências: as novas superfícies plantadas foram feitas nos piores terrenos (que estavam de pousio), pelo que não é de esperar alta produtividade. Incentivados há anos a desistir dos cereais, muitos produtores viraram-se para as chamadas 'fileiras estratégicas' do olival, floresta, vinha e hortofruticultura. São um cavalo de batalha deste Governo, que vê nelas sectores mais competitivos e para os quais tem subsídios prioritários, de entre os quatro mil milhões de euros que há para distribuir até 2013.

Na União Europeia, onde a reforma da PAC e a subida dos preços acabaram com os «stocks» de intervenção, são esperados este ano excedentes de cereais de 24 milhões de toneladas. Um factor que poderá contribuir para abrandar a pressão.

Quarta-feira, a Comissão Europeia vai discutir a crise alimentar e a sua eventual relação com os biocombustíveis, parte essencial da estratégia da União para combater as alterações climáticas. Mas é a reforma da PAC que está na ordem do dia. Jaime Silva diz temer "pouca ambição" e quer lançar em Portugal uns 'Estados-gerais da Agricultura', tão logo a Comissão Europeia avance com as propostas, em meados de Maio.

Há uma semana, o Presidente da República dizia na Ovibeja que era preciso ouvir os agricultores sobre a PAC e que ia "estar atento ao processo". O ministro é fortemente crítico dos chamados 'subsídios desligados da produção', instituídos em 2003, e que levaram muitos agricultores a abandonar as culturas. "Foi um sinal errado", diz Jaime Silva.

Texto de Luísa Meireles, com Daniel do Rosário, correspondente em Bruxelas, ilustração de Alex Gozblau

CUSTO DE VIDA Os dados recolhidos pela Nielsen, (multinacional de estudos de mercado), junto do comércio em Portugal mostram um grande aumento dos preços durante 2007 para farinhas, leite e derivados, arroz e ovos. Estes produtos têm sido os mais afectados com a recente crise alimentar internacional

+ 74%

LEITE A variedade pasteurizada vendida por marcas brancas registou o maior aumento de preço em 2007. O leite UHT subiu 39%



+ 71%

ARROZ O Extralongo das marcas mais baratas foi o que registou maior subida enquanto o preço do arroz de marca branca cresceu 36%



+ 36%

ÓLEOS Os de marca foram os campeões dos aumentos, enquanto os óleos alimentares de marca branca subiram 20%

**+ 34%**

MASSAS As marcas dos fabricantes registaram a maior subida, enquanto os produtos mais baratos tiveram um aumento de preço de 31%

**+ 34%**

FARINHAS As de marca branca e de preços mais baixos subiram mais treze pontos percentuais que as farinhas de trigo dos fabricantes (21%)

**+ 24%**

OVOS Os comercializados com marca de fabricante são os que mais encareceram, seguidos de perto pelos de marca branca (23%)



4 meses de reservas

A crise é só de preços, não de produtos. E, em Portugal, os cereais não vão faltar, garante o ministro. As reservas estratégicas de cereais (calculadas em função dos que existem nos «stocks» detidos pelos privados) dão para cerca de quatro meses. Quanto às reservas de arroz, em particular, dão para dois-três meses. Os portugueses são os 'comilões' da Europa, com uma média anual de consumo de 15,8 Kg, o triplo do que se come no Velho Continente. Mas falar de escassez quando integrados na UE é um contra-senso: este ano, prevê-se que a Europa tenha excedentes de cereais da ordem de 24 milhões de toneladas, o que vai contribuir para a estabilização dos preços, já a partir de Junho/Julho, quando a colheita chegar ao mercado.

Fazer pão em casa: moda ou necessidade?

As máquinas de fazer pão em casa estão a conquistar os portugueses. Apesar de começarem a ser postas à venda em 2004, foi no ano passado

que se registou uma maior procura, existindo no mercado várias marcas, com modelos a partir dos 50 euros. Basta colocar uma mistura de cereais, fermento e água e programar, para ter o pão quentinho, à hora que se quer. “As farinhas para fazer pão, que inicialmente vendemos em Portugal apenas em acções temporárias, passaram a fazer parte do nosso sortido permanente devido à grande procura”, avançou ao Expresso Lucinda Rodrigues em nome da administração do Lidl. Ainda não existem dados concretos sobre o número total de máquinas vendidas em Portugal, mas algumas marcas contactadas pelo Expresso confirmaram que durante 2007 as suas vendas ultrapassaram largamente as mil unidades. Aparentemente o aumento do preço do pão aliado à vontade de fazer pão em casa foram as principais razões que levaram à compra destas máquinas. E o sucesso é tanto que até já foi criado um sítio onde se pode trocar receitas ou obter mais informação sobre este novo electrodoméstico. A registar: www.maquinadepao.com

A.S.A.

FACTORES GLOBAIS QUE CONTRIBUEM PARA A CRISE

- Aumento do preço do petróleo (e subsequente aumento dos transportes)
- Desvalorização do dólar norte-americano
- Aumento da procura de alimentos pelas economias emergentes
- Maus anos agrícolas nos países fornecedores de cereais (Austrália, Canadá, EUA)
- Especulação dos mercados
- Ocupação dos terrenos para produção de biocombustíveis (parcialmente classificada pela ONU como 'crime contra a Humanidade')
- Baixíssimos stocks mundiais de cereais (desde o início da estação passada)
- Alterações climáticas (desertificação em regiões do globo como África e Austrália)